



DA NOSSA VIDA

Pela vida

O mundo está em estado de alerta com as guerras que se desenvolvem e expandem. As pessoas andam apreensivas com estas e outras que possam rebentar.

Das imagens que delas vão sendo reproduzidas, impõem-se-nos aquelas que retratam crianças no meio da devastação, dos escombros resultantes do poder destruidor das armas. Se naquelas que ficaram feridas temos um espelho do sofrimento, em tantas outras vemos uma aparente indiferença perante o ambiente que as rodeia.

Podemos ser levados a pensar que sempre foi assim, que guerras e destruição sempre houve; que tudo há-de passar e voltar à normalidade anterior; podemos ir mais longe e pensar que a actual situação é inconcebível para a humanidade do século XXI, mas o certo é que esta situação está obrigando os países incrédulos a rearmarem-se.

Ufanos das suas capacidades, muitos idolatraram os extraordinários resultados obtidos, em consequência dos seus conhecimentos nas diversas ciências. Que vemos do uso que deles se fazem? Aplicados na guerra, para dominar. Isto sim, foi sempre assim. Continua a escalada da torre de Babel.

Em simultâneo, pelo meio, milhares de vidas ceifadas nas guerras e outros milhares ou milhões ceifadas por outras armas que não causam igual apreensão, resultado do poder discriminatório do egoísmo humano. Só em Portugal rondam 10 a 15 mil vidas por ano, com tendência para aumentar se os seus ideólogos levarem os seus intentos em frente.

É uma orquestração internacional como está bem de ver. O completo desrespeito pela humana vida dos outros, acentuado nos frágeis, pela acção das armas de guerra ou pelas armas não bélicas, do poder do forte sobre o fraco, só pode expandir os seus resultados. Não admira que andem ligados e consequentes na sua relação biunívoca,



ambos os modos de matar e destruir.

O direito a viver não pode ser exclusivo para a vida entre dois limites de idade, um mínimo e um máximo, nem para o bom estado de saúde de qualquer ser humano. Como não é legítimo ou aceitável matar em nome da guerra, o mesmo critério deve ser usado para outras formas de tirar a vida humana a quem vive. O desrespeito pela vida numa situação, arrasta consigo o desrespeito noutras situações. A vida humana é sempre para respeitar.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Com quantias pequeninas, ajudamos o Pobre a resolver os seus grandes problemas. Damos-lhe a mão. Ajudar é o verbo cristão. É, mesmo, ajudando, que nós outros somos ajudados.

PAI AMÉRICO, *O Barredo*, 1974, p. 135.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Esclarecimento

A todos os Amigos e Leitores informamos que a conta bancária na Caixa Geral de Depósitos que o falecido Padre Acílio usava para sua maior comodidade, para efectuar os movimentos bancários dos donativos que recebia e das ajudas que dava, foi encerrada, pelo que não será conveniente fazer qualquer depósito nesta conta, o que, a ser feito, trará despesas ao depositante, pelo que pedimos toda a atenção para este esclarecimento. A conta é a seguinte:

IBAN: PT50 0035 0465 0001 8975 8009 5

NIB: 0035 0465 0001 8975 8009 5 (ENCERRADA)

Informamos ainda que o saldo existente na mesma conta à data do seu encerramento foi transferido para a conta já existente no banco Crédito Agrícola, cuja identificação é a seguinte:

IBAN: PT50 0045 3440 4021 8356 4277 8

NIN: 0045 3440 4021 8356 4277 8 (EM VIGOR)

Agradecemos à família do Sr. Padre Acílio a atenção dispensada e a todos o cuidado para com este esclarecimento.

A Direcção da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

PÃO DE VIDA

Dos Estatutos da Casa de Repouso do Gaiato Pobre

A *Obra da Rua ou Obra do Padre Américo* tem novos Estatutos vai para uma década, aprovados pela Autoridade eclesiástica – Bispo do Porto, em 11.11.2015, e pela autoridade civil – Direcção Geral da Segurança Social, em 29.9.2016. Ao longo de mais de oito décadas, teve outros Estatutos; e, actualmente, «é uma pessoa jurídica canónica de natureza pública, sujeita em Direito Canónico de obrigações e de direitos consentâneos com a índole de Instituto autónomo da Igreja Católica (cânone 113, § 2), para desempenhar o múnus indicado nos presentes Estatutos, em ordem ao bem público eclesial (cânone 116 § 1), erecta canonicamente por decreto do Bispo do Porto e sob sua vigilância e tutela, com Estatutos aprovados por esta autoridade eclesiástica (cânones 113, § 2 e 117).» [*Estatutos da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo*, Paço de Sousa, 2016, p.13].

Num artigo de referência obrigatória na *Obra da Rua*, em 1952, Pai Américo chamou a atenção para a sua matriz. Vale bem a pena reler aqui os primeiros parágrafos:

«A *Obra da Rua* nasceu há onze anos e teve por padrinho um estatuto dado pelo gover-

nador civil de Coimbra. Um outro estatuto, pelo governador civil do Porto. E o último, foi na Arcada, por um magistrado da Nação. Todos dizem essencialmente o mesmo, porque inspirados na mesma Lei. Aceitei os três instrumentos. Tinha evidentemente de me munir deles, para ter voz nos Ministérios. Não me deixariam, tão pouco eu poderia, só por mim, fazer a demonstração do Incrível, sem primeiramente me acreditar. A história universal está cheia destes casos, em todos os campos aonde o homem passa a ser chamado. Nós sabemos e cuidamos que isso foi outrora, sem reflectirmos que também pode ser hoje. Pode, sim. Eu estou a fazer história. Aceitei os três documentos como facilidade de agir, mas nunca com o propósito de fazer como lá vem. Eu nunca li nenhum deles.

Dez anos andaram. As provas estão feitas. A *Obra da Rua* acreditou-se. O Incrível apareceu em beleza estonteadora. É tempo de desfazer o equívoco. Nós não somos uma *Obra de Assistência*.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO — COIMBRA

85.º ANIVERSÁRIO DA NÓSSA CASA DO GAIATO — No dia 7 de Janeiro, terça-feira, a nossa Casa do Gaiato — chamada no início *Casa de Repouso do Gaiato Pobre* — celebrou 85 anos, pelo que participámos, com alguns colaboradores, na Missa festiva do Santíssimo Nome de Jesus, presidida pelo nosso Padre Manuel, em que rezamos por todos aqueles que viveram nesta Casa e nos ajudaram. Depois, cantamos os parabéns! No jantar da Comunidade, também houve bolos, oferecidos por amigos do norte e que agradecemos. Muitos parabéns à nossa Casa do Gaiato!

PARTILHAS E CONTACTOS — No início deste novo ano, que to-

dos esperamos de paz, continuamos a receber bens necessários, principalmente de campanhas efectuadas, pelo que exprimimos aqui a nossa gratidão. Uma parte dos alimentos seguirá quando for possível para a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Já seguiu a maioria dos recibos dos donativos, ao abrigo da lei do mecenato. Muito obrigado! Saúde para os nossos amigos e amigas, cujas intenções lembramos nas Missas! A nossa morada e os nossos contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo — Casa do Gaiato, Largo de S. Brás, N.º15 — 3220-034 Miranda do Corvo — Coimbra; telefone: 239 532 125; correio electrónico: gaiatomiranda@gmail.com

PAÇO DE SOUSA

LENHA — A lenha que fomos armazenando nos antigos galinheiros está a cumprir a sua missão, de a termos para o aquecimento das nossas casas e da água. As nossas árvores fornecem-nos este precioso combustível para o Inverno e os dias frios. Os nossos rapazes mais velhos têm a tarefa de rachar a lenha, o que se faz muito facilmente e com toda a segurança na nossa máquina de rachar lenha.

PAVÕES — A capoeira onde habitam os nossos pavões e as pombas tem óptimas condições para estes animais e boas condições de visibilidade para os nossos visitantes os poderem ver. Claro que são especialmente as crianças que mais gostam de os ver. No entanto, não temos conseguido que choquem os ovos que têm posto, pois gostaríamos de ter maior população de pavões.

PRENDA — O nosso mais novo está como queria. Um grupo de amigos, motoristas de profissão, resolveram juntar boas vontades e oferecer o brinquedo que ele mais desejava: uma *playstation*. Ele que é um adepto do futebol e de uma equipa que veste de verde, agora tem sempre a sua equipa em acção na *playstation*. Umhas vezes ganha, outras vezes perde, mas o seu sonho tornou-se realidade.

Repórter X

SETÚBAL

Hoje desceu do Céu para nós a verdadeira paz

Em nossa Casa do Gaiato de Setúbal, a preparação do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo foi feita (como sempre) dentro dum clima de profunda simplicidade e consciência da tamanha paz que se iria receber da parte de Deus Pai por meio de seu Filho no Espírito Santo. Ora, os rapazes, dentro das suas capacidades e com a ajuda dos antigos Gaiatos e funcionários foram organizando o Presépio, os cânticos, os alimentos, a limpeza da Quinta e não menos importante, a limpeza dos seus corações para que esta verdadeira paz encontrasse uma digna morada em suas vidas e nas vidas daqueles a quem eles rezam sempre. Além disso, sentiram o quanto são/somos agraciados por Deus pela tamanha paz e saúde que a todos concedeu neste Seu humilde nascimento. E ao contemplarmos essa humildade, fomos convidados a nos revestirmos do homem novo em Jesus Cristo; esforçando-nos a cada dia a sermos bons filhos no Filho e irmãos uns aos outros. Como Gaiatos, a procurarmos sempre o que agrada a Deus, deixando tudo aquilo que nos impede de sermos bons continuadores da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo e de reconhecermos o espírito familiar da nossa Casa. Contudo, esta preparação do nascimento do Senhor, serviu também de compreendermos mais uma vez o quanto somos os verdadeiros protagonistas da Casa do Gaiato e que para ela continuar de pé temos de a regar com amor e a proteger com todas as forças vindas da parte de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Pois, uma vez Gaiatos, Gaiatos para sempre!

Paulo Domingos (Seminarista de Malanje e Gaiato, agora em Setúbal)

AGROPECUÁRIA — Da nossa produção, foram transportados 254 fardos de palha para os animais da Casa do Gaiato de Beire. Foram plantados dois tabuleiros de alfices na estufa. Foram comprados 50 sacos de sementes de aveia e semeados em vários terrenos: *terra do poço novo, terra nova, terra dos grilos (campinho), terra do Ti Jaime, terra do olival dos poços*. Os corvos andaram por lá. Têm sido apanhadas couves tronchas na horta. Temos comido tangerinas e laranjas, colhidas no pomar, mais de um padre amigo. Foram capinados a *terra nova, a vessada* e o pomar. Começaram as podas: videiras das latadas e fruteiras do pomar.

CRISMA DE RAPAZES — Em 3 de Janeiro, os crismandos tiveram Confissões na igreja matriz. No dia 12 de Janeiro, pelas 16 horas, na igreja matriz da Vila, cheia, participámos na Missa Dominical, em que houve a administração do sacramento da Confirmação, pelo senhor Bispo de Coimbra, D. Virgílio. Foram crismados muito jovens da Unidade Pastoral de Miranda do Corvo, entre os quais três Rapazes da nossa Casa: Marcelino, Adimir e Neio. Alguns familiares, especialmente as suas mães — Colette, Ângela e Lilian — vieram de véspera e dormiram cá. Foi uma festa muito bonita, em que a nossa Comunidade também par-

ticipou com o nosso Padre Manuel, sendo tiradas fotografias. No almoço, no nosso refeitório cheio, tivemos a presença muito amiga de familiares do falecido prof. Martinho (de Paço de Sousa), que vieram entregar um donativo da venda de livros. Bem-hajam! Depois da Missa, houve uma boa merenda, em que houve bolos de festa. As colaboradoras da cozinha vieram ajudar. Depois, foram levados a Coimbra os parentes dos Rapazes crismados, para seguirem de autocarro para Lisboa. Valeu bem a pena este lindo dia de Domingo, pois a vida espiritual é muito importante na nossa Obra da Rua!

Rapazes de Miranda



BEIRE - Flash's

Um 2025 sem descartes...

1. Entrando no mundo do descarte... Alertado por aquela publicidade do PAN de que falei n' *O Jornal*, nº 2107, de 28.12.24, tento ver-me ao espelho e dou comigo, tantas vezes, a *descartar-me*... Descartar, ser descartado... Pecados de omissão.

Atento à minha *voz interior*, caio na conta de que sempre que arranjo uma *desculpa de mau pagador* para não fazer aquilo que muito bem podia fazer e era preciso que fizesse, aí estou eu a *descartar-me*. A empurrar para os outros aquilo que *todo o mundo podia fazer mas ninguém faz*...

Hoje, a coisa assanhou-se-me. Doe mais. A pedir que fale. Mesmo na certeza de que ando a *pregar no deserto*. Sinto-me impelido por aquela *norma* das relações interpessoais que tanto me tem ajudado — *mesmo na certeza de que a mensagem não vai ser recebida, não estás dispensado de a enviar*. Aprendi a lê-la como um convite a treinar-me na arte de *ex(s)istir* como *ser-Abel*... Ser *este Abel*, no meio

de tantos outros que não são eu. Mas que sempre são um respeitável *eu de alguém*...

Deixo-me embalar pelo sonho de um Calvário sempre *renovado como Deus manda*. Mas sempre *em busca* de uma imprescindível fidelidade ao Espírito do Evangelho que impelia Pai Américo. Dou comigo a mexer coisas que escrevi — já a sonhar poder publicá-las n' *O Gaiato*. Num desses papéis, com data de três meses após ter chegado aqui (já lá vão 10 anos), encontro-me a apanhar fruta com o *Nelito* — um dos nossos mais limitados... Esse a quem, a 06/12/08, @s agentes da Segurança Social *descartaram* daqui para fora, com a promessa enganosa de que *vamos jantar fora*... Pouco depois, encontro-me com a *Alicita* — a primeira morte de que tive de tratar... Ainda ajudado por Pe. Baptista que, lá de Paço de Sousa, sempre me estendia a mão quando dela precisava — *vai a Bitarães, fala com F que e que e que...*

Mas a nossa *Alicita* não foi des-

cartada. Foi *nossa* até ao fim — naquele jeito que todos gostaríamos de receber, entre *os nossos*, quando chegar a nossa vez...

2. Uma nota de 03.10.2015... Acabo de arrumar, no arquivo da Casa, o que “de seu” nos resta dela. A pobreza de um vulgar “cartão de cidadão”, anexado à “guia de transporte”, passada pelo médico que certificou o óbito. Tudo o mais que nos resta são as doces “memórias do coração” que “a nossa Alicinha” soube gravar em nós. E são tantas. Mas deixai-me destacar uma discreta comoçãozinha pressentida na voz/rosto dos 85 anos do nosso Pe. Baptista, impedido de estar presente: — *Há cinquenta e tantos anos que estava connosco. Trouxe-a de Trás-os-Montes. Nunca teve família que a visitasse...*

Aqui no Calvário, a “irmã morte” é “visita da casa” com certa frequência. Mesmo não me sendo já uma “estranha”, eu precisei de ajuda para aprender a lidar com ela, aqui. Neste recanto do mundo, onde tudo o que se vê encanta, porque nos fala do que *os olhos não veem, os ouvidos não ouvem, a inteligência não*



CALVÁRIO

O responsável deve preocupar-se com o que os outros pensam, mas não deve ser seu prisioneiro. Tem uma responsabilidade perante Deus e não tem o direito de cumprir determinados compromissos, de viver entre mentiras e de ser um instrumento de injustiça.

Quem se constitui em autoridade última da comunidade deve assumir a solidão, mesmo que esteja apoiado por um conselho, permanece sozinho diante das decisões finais. Esta solidão é a sua cruz, mas é também a garantia da presença, da luz e da fortaleza de Deus. É por isso que ele precisa, mais do que qualquer outra pessoa na comunidade, de ter tempo para estar sozinho, para distanciar-se e permanecer com Deus. É precisamente nestes momentos de solidão que nascerá a inspiração e verá que rumo tomar. É necessário que tenha confiança nestas intuições, principalmente se forem acompanhadas de uma paz profunda, mas também deve procurar a confirmação, partilhando com os que na comunidade têm maior capacidade de discernimento, para além do seu conselho e dos restantes membros.

L'Arche, Comunidade: Lugar de Perdão e Festa. 1980, p.134

O Calvário de Beire continua o seu caminho de fidelidade à fundação e desafio às exigências da vida social contemporânea. São 70 anos de uma rica história que não pode ficar por narrar, com luzes e sombras, nem pode ser truncada agora, sem ter alcançado a sua meta de justo acolhimento para quem dele urgentemente carece. Feita a mudança para as instalações renovadas, adquirindo novos hábitos, estabilizado o corpo de colaboradores e voluntários, é hora de avançar.

Quero partilhar com os leitores e amigos os processos.

Alguns membros saíram do Calvário em 2018. Havia a expectativa de poderem regressar, realizadas as obras. Fizemos visitas aos lares onde foram acolhidos, fomos a audiências em tribunal para perceber da oportunidade do seu regresso, escrevemos aos responsáveis pelo processo de maior acompanhado de cada pessoa. Em algum caso não obtivemos resposta, noutros soubemos que alguns membros haviam falecido e em uns quantos a resposta foi que os acompanhados não regressariam ao Calvário, por estarem adaptados já a uma nova realidade. Esta leitura objectiva da realidade é fundamental para avançarmos com a análise de vários pedidos de acolhimento que temos em mãos. Continuaremos a privilegiar situações de pobreza (redefinindo os conceitos e âmbitos de pobreza hoje); de abandono social e ausência de laços familiares que possibilitem um cuidado efectivo. Vamos acolher neste ano de 2025 novos casos e fá-lo-emos de forma progressiva e de modo a que a interacção entre todos seja pacífica. Não esquecemos a vulne-

chega lá... “Morrer com dignidade” sempre pede que, quando a “irmã morte” chega, a tratemos com a reverência das “coisas santas. *Sancta sancte*, diziam os latinos. Ela no-lo merece. Sobre tudo nestes momentos concretos em que se nos apresenta assim “encarnada”. A buscar para o Senhor aquilo que só a Ele pertence.

A Alicinha, em suas múltiplas limitações (físicas e mentais) teve uma vida simples. Sempre a sorrir, de gargalhada fácil, vinda lá do fundo. — Ó Alicinha, eu também sou como tu, assim pequenina, vês!... Ela ria, em cascata, como as crianças. Este “diálogo” era o jeito da D. Beatriz brincar com ela, acocorando-se ao nível da sua cadeirinha de rodas.

No silêncio daquela noite, o enfermeiro Luís, que recebeu o seu último suspiro, telefona-me: — *Esta é tranquila. Ela morreu feliz, como sempre viveu.* Depois, manhã cedo, a enfermeira Céu,

com a ajuda das mais capazes, tratou do traslado para o salão. — *Vestimo-la de branco, como as colegas pediram. Porque era uma inocente... — A Zé chorou, porque queria que ela levasse o casaco que lhe ofereceu... Chegada a minha vez, corri onde o Pe. Baptista era e, com ele, aprendi a “dar as voltas” que se impunham — funerária, coveiro, tudo.*

No silêncio da nossa *Capela / Espigueiro* (antiga “casa do pão do corpo” transformada em “Casa do Pão que dá a Vida que não morre”), saboreio este “estilo” peculiar de lidar com a morte, aqui no Calvário. No chão, sobre um tapete, “pobre, mas limpo”, como diria a minha mãe, está o caixão que guarda o corpo da Alicinha. Cada um chega e sai, sem programáticos “sentidos pêsames” a ninguém... São @s da casa e alguns voluntários mais chegados. Só cada um, com a sua Fé, a ruminar o mistério da Vida neste chamamento a sempre *mais*

rabilidade dos membros desta comunidade que precisa de muitos cuidados de saúde física e mental. Estes casos vão passar pela mão da direcção técnica e pela direcção executiva/ espiritual e queremos manter o espírito de comunidade com os seus membros que nos caracteriza, ouvidas as partes interessadas, o próprio quem o apresenta.

Assim Deus nos ajude.

Padre José Alfredo

POBRES

É um casal que nos é próximo. A incapacidade física que o impede de cuidar minimamente de si sobrecarrega a esposa, também ela com muitas limitações para cuidar de si mesma e do marido. A doença manda naquele lar.

Nós temos a obrigação de fazer tudo o que nos for possível por aquele casal. E vamos dando a mão, com pena de estarmos longe do lugar onde vivem, o que dificulta a rapidez da nossa presença por interposto “recoveiro”.

Às suas dificuldades juntam-se as da mãe e filho, ela mais pela idade e ele pela doença congénita que o limita grandemente. O muito pouco que têm é partilhado por todos. Só os pobres estão sempre disponíveis para ajudar os pobres.

Enquanto escrevo estou inquieto porque ela pediu-me roupa para eles: «está muito frio senhor padre!» E nós que temos tanta roupa, para todos os fins! Hoje seguirá uma encomenda.

São recorrentes as idas urgentes ao hospital, dos três, e por vezes os internamentos. É admirável a coragem que a alma e a aceitação da modéstia a que estão votadas as suas vidas.

Precisam de reparar algumas janelas da casa que habitam. Vamos incentivá-los a reparar ou substituir as que estiverem incapazes de cumprir a sua função, que não é só uma abertura para a luz e para o outro mundo.

Não é certamente caso único. Quantos irmãos de Cristo com uma vida difícil, a acusar os indiferentes? «Cada freguesia cuide dos seus pobres!», desafia-nos Pai Américo. As Conferências Vicentinas são uma actualíssima força para curar tantas carências. Para outras situações, bastará uma congregação de esforços e boa vontade. A alegria de ir ao encontro dos pobres é a recompensa.

Padre Júlio

vida. Porque, para os crentes, “a vida da Alicinha foi-lhe mudada, mas não lhe foi tirada”...

3. Um “fecho” que precisava ser um “abrir”... Comecei por sonhar uma *re+flexão*¹ sobre a *CTA*² que, também no Calvário, é preciso *desenvolver* para dar aos nossos doentes a melhor prenda que se pode dar a um moribundo — a mão que ama e se deixa amar... Prometo. Retomarei o tema — *um 2025 sem descartes...*

1 — O prefixo *re*, desta reflexão, pedia-me que o assunto (a realidade em questão) fosse a dor que me causa ver que *agora já quase é proibido* morrer em casa, entre os seus...

2 — Mais uma vez, aí vai: A *CTA* é a Ciência, a Técnica e a Arte de “levar a água ao nosso moinho” — sempre que ele precisa moer em prol da *humanização da morte*. Porque ninguém nasce para morrer *descartado*...

Um admirador

[Escreve segundo o acordo ortográfico]

DOCTRINA

A doutrina da Igreja por meio de obras sociais



A igreja da Golegã fica no meio da vila. É um largo. A estrada corta e passa rente. O pórtico diz, a quem passa, que ela é manuelina. Muitas vezes por ali tenho passado a caminho de Lisboa, mas nunca entrei por ver a porta fechada. Desta vez não foi assim. Íamos na jornada do Alentejo. Porta aberta. Algumas pessoas no átrio. Disse ao Avelino que parasse. Entrámos. É, na verdade, da era e do estilo manuelino. Não sei que segredo tinham os mestres daquele tempo. O risco deles sabe ao Eterno. Das suas linhas saíram casas de Deus e portas do Céu. Eram igrejas de rezar. A da Golegã é assim.

Não é aqui o sítio de críticas, tão pouco nós temos elementos e ciência para o fazer. Não temos, mas fico triste. Fico muito triste ao entrar em certas igrejas novas e observar o que vai lá dentro e como elas são feitas por fora. Fico triste e não me quero afazer a elas. Só digo que os arquitectos que em nossos dias se metem a fazer igrejas, deviam primeiramente provar que sabem o Catecismo e só depois riscar.

Após alguns minutos de demora reparo em uma caixa à saída da porta que diz: «Esmolas para as obras sociais da paróquia».

Nunca tal vi! Um apelo assim, concreto, palpável, compreensivo, terreno, feito de carne e de sangue não tem estado no costume das nossas igrejas. São os santos. São as alminhas. Caixas para tudo, menos para o que mais hoje importa.

Não conheço o actual prior da Golegã. Não é preciso. Deste lugar e hora em que escrevo, peço licença para beijar humildemente as suas mãos de sacerdote. Na mesma atitude e igual intenção, peço a todos os habitantes da vila que animem e encorajem o seu pároco a estender o culto de Deus nas obras sociais da sua paróquia. Habitantes da vila. Crentes e descrentes. Naturais de lá e actualmente vivendo fora. Aonde quer que se encontrem. Quem quer que sejam. Ajudem o pároco da freguesia. Se não na caixa, lancem esmolas no seu regaço. Ele quer trabalhar.

É uma graça de Deus que na Golegã haja quem compreenda e procure realizar a doutrina da Igreja por meio de obras sociais. Não devemos deixar passar a hora. É preciso temer Jesus Cristo. Ele pode não regressar...!

As letras da caixa de esmolas têm de ser o ideal de todo o jovem sacerdote que sai dos nossos seminários. Digo da caixa de esmolas que vi na Golegã. Outras não interessam. O jovem sacerdote há-de sair com esta paixão e alimentá-la entre o povo que o Senhor lhe destina por meio da nomeação dos nossos superiores. A seguir ao altar e por complemento do Santo Sacrifício, têm de ser postas em prática as obras sociais da paróquia. Não certamente as mesmas em todas, mas sim as indicadas em cada uma. Elas são precisas. Não há povo nem lugar que as dispense. Não acudir aos que precisam é fomentar a miséria e criar revoltados.

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, 1.ª ed., 1986, pg 349-351



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 8550

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Redacção e Administração: Largo da Casa do Gaiato, 94 • 4560-378 Paço de Sousa
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-378 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 (Chamada para a rede fixa nacional)
geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt
www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98
NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5
NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

MALANJE

QUERIDOS leitores do Jornal «O Gaiato», em primeiro lugar, um feliz ano de 2025 cheio de saúde e amor para todos. Já faz quase três meses que estou aqui em Portugal, acompanhando a situação da Obra da Rua, além de descansar e cuidar da minha saúde. Gostaria de compartilhar, através deste cantinho, alguns pensamentos que nascem do meu ser como pai da Rua.

Todos temos, de alguma forma, consciência da situação em que a Obra da Rua se encontra no contexto actual, principalmente em Portugal. Percebemos que as Casas do Gaiato, no seu sentido mais original, não são possíveis devido às exigências das leis que, reduziram ao máximo as responsabilidades dos gaiatos nas casas e a possibilidade de oferecer uma estrutura familiar que acolha uma criança como em uma família até sua integração na sociedade.

Por outro lado, não podemos fechar os olhos às novas formas de pobreza que tantas pessoas vivem e que, sem uma alternativa, inevitavelmente acabarão na rua. A cada dia, mais pessoas vivem e dormem nas ruas. Situações como imigração, adolescentes que não se adaptam a famílias de acolhimento, jovens que aos 18 anos não estão preparados para enfrentar a vida, doentes e idosos... E assim poderíamos enumerar dezenas de situações que estão batendo às portas da Obra da Rua.

Não podemos permitir que a Obra se divida, assim como não pode acontecer em qualquer família. Todos precisamos nos alinhar em um projecto comum e saber ler os sinais dos tempos, como dizia o Concílio Vaticano II. Precisamos ser capazes de superar o pessimismo e apostar em encontrar novos modos de expressão para a Obra da Rua em Portugal. Há muito a fazer para quem ama aqueles que sofrem. Nosso ego é o maior perigo, que sempre bate à nossa porta.

Olhemos para a África como um contexto onde realidades como as Casas do Gaiato po-

dem continuar sendo uma resposta maravilhosa para muitas crianças e adolescentes. Assim como o Gaiato de Beire, que acolhia jovens com problemáticas psicofísicas. E em Portugal, sejamos capazes de abrir novas iniciativas que façam da Obra da Rua uma alternativa de Caridade da Igreja no meio desta sociedade. Que este ano de 2025 nos conceda misericórdia para com os mais pobres e nos encha de esperanças para a nossa Obra da Rua.

Padre Rafael

Página da OBRA DA RUA na internet



Escolha a década que pretende consultar

1944-1949	1980-1989	2020-2029
1950-1959	1990-1999	
1960-1969	2000-2009	
1970-1979	2010-2019	

Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus três formatos:
 - Edição digital
 - Edição áudio
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa.

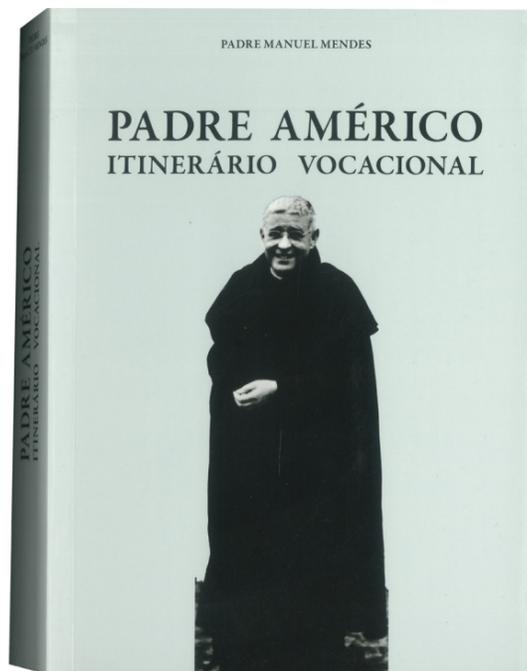
OS NOSSOS LIVROS

[...] Conhecido por *Pai Américo*, a lição da sua vida «resume-se toda naquela evolução fonética e semântica», na expressão certa de D. António Ferreira Gomes. O Padre Américo é uma figura cimeira da Igreja em Portugal, no século XX. Grande educador português e gigante da Caridade, foi o fundador das Casas do Gaiato, para rapazes abandonados e sem família, do Calvário, para doentes incuráveis, e do Património dos Pobres. Místico do nosso tempo, apaixonou-se por Jesus Cristo vivo, serviu-se da Escritura como Livro de oração, tinha uma profunda vivência eucarística, nutriu devoção filial a Maria e comprometeu-se seriamente com os Irmãos mais pobres.

[...] Ao estudarmos o assunto, fomos carregando documentação das edições da Obra da Rua, que consideramos segura. Contámos, assim, como fontes principais os escritos do Padre Américo, publicados no jornal *O Gaiato* e os livros e opúsculos da sua autoria. Interessámo-nos particularmente pela correspondência, pois revela acontecimentos fundamentais da temática em análise.

[...] Os elementos elaborados foram divididos em cinco partes fundamentais. No capítulo inicial, apresentamos algumas ideias-força da História da Igreja em Portugal, na transição dos séculos XIX-XX, em cuja época centramos o estudo.

[...] Numa análise integrada da sua caminhada, interpretamos o dinamismo vocacional subjacente a uma resposta tardia, como um todo lógico, iluminados pela Teologia da vocação. Fazemos uma síntese do seu caminho até ao *sim* ao Senhor e à missão de servir os Pobres.



Na conclusão, realçamos que os factos apurados terão feito luz sobre uma questão importante da vida de Américo de Aguiar, que mudou o rumo da sua existência.

Deixamos, assim, um esboço do seu itinerário vocacional de 1887 até 1932, em que «obteve licença do seu Prelado para visitar Pobres e cuidar deles». Da *Introdução*.

Os pedidos podem ser feitos para:

Largo da Casa do Gaiato, 94, 4560-378 Paço de Sousa, pelo telefone 255 752 285, por e-mail: geral@obradarua.pt ou directamente no nosso site www.obradarua.pt

PÃO DE VIDA

Continuação da página 1

Sem olhar ao cofre, vamos direitos às feridas do Pobre. O abandonado que nos bate à porta, entra e ao depois, vamos procurar o seu pão. Uma Obra de Assistência não faz assim.

Nós somos a porta aberta ao indigente de qualquer terra, cor, idade, credo. Todos os defeitos. Todas as pústulas. Todos os vícios. Eles são nossos em qualquer tempo, em todo o local, todas as idades, na vida e na morte. [...] [‘Um Equívoco’, in *O Gaiato*, 24 Maio 1952, p. 1].

Assim sendo, terá interesse histórico dar a conhecer o teor dos primeiros *Estatutos*, que recolhemos há vários anos, mas cuja transcrição foi adiada. Este articulado legal servirá como memória futura da acção profética de Pai Américo [e da Obra da Rua], que na prática não se prendeu à Lei, na vigência do *Estado Novo*, mas que deu toda a primazia a Deus e ao próximo fragilizado. O *Alvará* que os antecede, passado pelo Governo Civil de Coimbra, em 28 de Maio de 1942, já foi transcrito [vd. ‘Alvará’, *O Gaiato*, N.º 2027, 20 Nov. 2021, p. 3-4]. Eis, conforme cópia digital:

«ESTATUTOS DE “A CASA DE REPOUSO DO GAIATO POBRE”

DESIGNAÇÃO

Artigo 1.º – Esta instituição chama-se “A Casa de Repouso do Gaiato Pobre” [C. R. G. P.], e tem a sua sede no lugar de Bujos, concelho de Miranda do Corvo – Distrito de Coimbra.

FINS

Artigo 2.º – É uma Obra de Assistência particular e destina-se a proteger e a educar a criança que vem das famílias desorganizadas pela miséria física e moral.

Artigo 3.º – A Obra tem uma Comissão Executiva, que procura obter os fundos necessários por meio de donativos eventuais e de subscritores.

Artigo 4.º – São sócios da C. R. G. P. os indivíduos do sexo masculino que por deliberação da Comissão Executiva forem inscritos nalgumas das seguintes classes:

I – Efectivos – os que concorrerem, pelo menos, com a quota anual de 10\$00.

II – Benfeitores, com a cota de 200\$00.

III – Aderentes, os que trabalham na Obra sem pagarem cotas.

Artigo 5.º – Os sócios da C. R. G. P., exceptuados os aderentes, reúnem em Assembleia Geral, em reunião ordinária, até ao dia 31 de Dezembro de cada ano, para discussão do relatório da Comissão Executiva e parecer do Conselho Fiscal, eleições a que haja de proceder-se e resoluções sobre actos e contas de gerência e, extraordinariamente, quando fôr necessário para outro fim reconhecido pela Comissão Executiva ou pelo Conselho Fiscal, ou, ainda, por um quinto dos sócios.

§ 1.º – A convocação será feita por meio de anúncio publicado num jornal de Coimbra com a antecedência de cinco dias pelo menos.

§ 2.º – A Assembleia Geral funcionará sempre com maioria de sócios, a não ser em segunda convocatória, pois neste caso o fará com qualquer número, contando que os membros dos Corpos Gerentes não constituem maioria.

Artigo 6.º – A Gerência Administrativa da C. R. G. P. é constituída por uma Comissão Executiva composta de um Presidente, um Secretário, um Tesoureiro, dois Vogais e dois Substitutos, todos eleitos pela Assembleia Geral dos sócios.

§ 1.º – O mandato dos membros da Comissão Executiva é por 3 anos, podendo ser reeleitos.

Artigo 7.º – A inspecção económica e a apreciação anual das contas, para sobre elas resolver a Assembleia Geral, será exercida por um Conselho Fiscal composto de 3 membros efectivos e 2 substitutos eleitos trienalmente por aquela Assembleia, os quais podem ser reeleitos.

DAS RECEITAS

Artigo 8.º – Constituem receita da C. R. G. P.:

- As cotas dos sócios.
- Os donativos particulares.
- Os subsídios de entidades oficiais, e
- Os legados e deixas testamentárias.

DISSOLUÇÃO

Artigo 9.º – No caso de dissolução da C.R.G.P., observar-se não tôdas as disposições legais aplicáveis.»

Estes primeiros *Estatutos*, que Pai Américo *não leu*, concederam afinal *personalidade jurídica* à primeira Casa do Gaiato [*Obra da Rua*, Coimbra, 1942, p. 57].

Padre Manuel Mendes